



UFSM

Artigo Monográfico

**REFLEXÕES ACERCA DO ATENDIMENTO ESCOLAR DE
ALUNOS COM AH/SD: REPENSANDO A QUESTÃO DA
ESCUTA DO ALUNO E DE SUAS NECESSIDADES
AFETIVAS**

Adão Ademir da Silva

PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM

SANTA MARIA, RS, BRASIL

2008

**REFLEXÕES ACERCA DO ATENDIMENTO ESCOLAR DE
ALUNOS COM AH/SD: REPENSANDO A QUESTÃO DA
ESCUTA DO ALUNO E DE SUAS NECESSIDADES
AFETIVAS**

por

Adão Ademir da Silva

Artigo Monográfico apresentado ao Curso de Especialização em Altas
Habilidades/Superdotação do Centro de Educação da Universidade
Federal de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do grau
de

**Especialista em Educação Especial: Altas
Habilidades/Superdotação**

PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM

SANTA MARIA, RS, BRASIL

2008

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação - Especialização em Educação
Especial: Altas Habilidades/Superdotação

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de
Especialização

**REFLEXÕES ACERCA DO ATENDIMENTO ESCOLAR DE
ALUNOS COM AH/SD: REPENSANDO A QUESTÃO DA
ESCUTA DO ALUNO E DE SUAS NECESSIDADES
AFETIVAS**

Elaborado por

Adão Ademir da Silva

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação

COMISSÃO EXAMINADORA:

Mestre Mara Regina Nieckel da Costa
(Presidente/Orientador)

Mestre Cláudia Maria Ferreira Nicoloso

Doutora Soraia Napoleão Freitas

SANTA MARIA, RS, BRASIL

RESUMO

Artigo Monográfico
Curso de Especialização em Altas Habilidade/Superdotação
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

REFLEXÕES ACERCA DO ATENDIMENTO ESCOLAR DE ALUNOS COM AH/SD: REPENSANDO A QUESTÃO DA ESCUTA DO ALUNO E DE SUAS NECESSIDADES AFETIVAS

AUTOR: Adão Ademir da Silva
ORIENTADORA: Mara Regina Nieckel da Costa
**Data e Local da Defesa: 25/10/08, Centro de Educação da Universidade Federal
de Santa Maria**

O presente artigo objetiva analisar o contexto educacional, no qual, está incluído o aluno com altas habilidades/superdotação (AH/SD). Neste sentido, buscou-se fazer uma reflexão, a partir de um construto teórico, acerca da proposta de atendimento escolar prestado a este educando e, principalmente, do repensar os papéis do psicólogo neste processo, sugerindo ações e práticas de atendimento das demandas emocionais dos atores envolvidos neste cenário. Defende-se a importância da “escuta”, numa perspectiva psicanalítica, e da proposta de enriquecimento de Joseph Renzulli (1978). Neste campo interdisciplinar de atendimento ao aluno, percebe-se o trabalho do psicólogo desenvolvido em conjunto com os professores tanto nas questões institucionais, como também, intervindo nos aspectos relacionais e afetivos dos alunos com AH/SD. Os agentes de educação, no qual se inclui o psicólogo, precisam promover a interdisciplinaridade e construir algo novo e diferente de tudo que já se praticou na escola, exigindo, neste sentido, uma mudança de paradigma, onde a flexibilidade, a escuta e o diálogo sejam práticas comuns entre os agentes do processo educacional na busca de que todos aprendam e também ensinem.

Palavras-chaves: Altas Habilidades/Superdotação, Psicologia Escolar, Afetividade na Educação.

ABSTRACT

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Altas Habilidades/Superdotação
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

REFLECTIONS ON THE SERVICE FOR SCHOOL GIFTED STUDENTS: RETHINKING ISSUE OF STUDENT AND LISTENING TO YOUR NEEDS AFFECTED

AUTOR: Adão Ademir da Silva
ORIENTADORA: Mara Regina Nieckel da Costa
**Data e Local da Defesa: 25/10/08, Centro de Educação da
Universidade Federal de Santa Maria**

This article aims to analyze the educational context in which the gifted student is included. In this sense, we tried to do a reflection, from a theoretical construct about the proposed school care provided to this student and, above all, of rethinking the roles of the psychologist in this process, suggesting actions and practices for dealing with the emotional demands of the actors involved in this scenario. It supports the importance of "listening", a psychoanalytic perspective, and the proposal for enrichment of Joseph Renzulli (1978). In this interdisciplinary field to pupil attendance, we find the work of psychologist developed jointly with teachers both in institutional issues, but also intervened in the emotional and relational aspects of gifted students. Officers of education, which includes the psychologist, need to promote interdisciplinary and build something new and different from everything that has been practiced in the school demanding that effect a paradigm shift, where flexibility, listening and dialogue are common practices among the staff of the educational process in search of that all learn and also teach.

Key words: Gifted, School Psychology, Affection in Education.

APRESENTAÇÃO

Vive-se, hoje, no Brasil, um momento de intensa discussão teórica a respeito da inclusão de alunos que apresentam necessidades educacionais especiais. Pérez (2002) destaca que são inúmeros os trabalhos que salientam o atendimento dos alunos que apresentam alguma deficiência física ou cognitiva, mas que deixam de lado o aluno com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), sendo, desta forma, de grande importância, os trabalhos e programas que discutam o espaço escolar e social do aluno com AH/SD.

Neste sentido, este trabalho objetiva, através de uma revisão bibliográfica, fazer um resgate reflexivo sobre o atendimento educacional ao aluno com altas habilidades/superdotação (AH/SD) e, especialmente, sobre o papel do psicólogo neste contexto. Destacam-se, assim, os autores que trabalham com a temática das AH/SD dentre eles: Joseph Renzulli, Gardner, Sternberg, Guenther, Pérez, Germani, Costa, Vieira e autores da área da psicanálise dos quais destaco: Freud, Winnicott, Klein. Salienta-se, desta forma, a utilização da psicanálise para pensar e refletir as questões emocionais em confluência com as questões cognitivas.

Um ponto inicial a ser tratado refere-se ao mito de que os alunos com AH/SD possuam “super poderes”, seja no aparelho cognitivo ou funções emocionais, o que acaba gerando de acordo com Winner (1998) uma expectativa fantasiosa de que a criança possa resolver qualquer problema em seu desenvolvimento. Pensando-se numa criança que apresenta um grande talento ou extrema facilidade de aprendizado, como no caso das AH/SD, infere-se a partir de Freud (1925-1926/1980)¹ que isto pode desencadear uma intensa projeção de desejos e fantasias dos pais na criança, podendo gerar expectativas de sucesso ou superproteção pelo receio de que seu filho sofra por sua condição de pessoa “diferente”. Na verdade, se pensarmos que uma criança apresenta uma característica diferenciada das demais, como no caso das AH/SD, isto pode gerar mais um conflito para esta criança do que uma facilidade.

A convivência do aluno com AH/SD com os demais colegas certamente exige dele uma dose a mais de paciência, tolerância que são, justamente, as características mais difíceis de serem aprendidas pelas crianças, seja ela com

¹ Além do princípio de prazer, Freud Obras completas, volume XVIII (1925-1926).

inteligência normal ou acima da média, visto que, estas são características de aprendizado social comum a todos os seres humanos, Freud (1913-1914/1980)².

Sobre o mito de poder da pessoa com AH/SD sobre as questões emocionais pode-se dizer, concordando com Kaplan (1997) e Freud (1980), que o sofrimento psicológico atinge todas as classes sociais e níveis intelectuais. Os alunos com AH/SD aprendem mais rápido, resolvem problemas técnicos com facilidade, mas o aparelho cognitivo não tem controle das emoções e, desta forma, estes alunos podem ter as mesmas necessidades afetivas, ou mais, que os outros alunos.

No que se refere às relações entre os alunos com AH/SD e os demais alunos percebe-se que, podem ocorrer um natural processo de exclusão de ambos, gerando uma tendência, a formação de grupos independentes, o que por um lado facilita o desenvolvimento de padrões de socialização grupal acaba gerando “grupos de diferentes”. Baseando-se em Freud (1927-1931/1980)³ pode-se dizer com maior precisão que as pessoas têm uma tendência nociva de excluir os diferentes e assim como o aluno com dificuldade de aprendizado o aluno com AH/SD também sofre com o processo de exclusão. Neste sentido, contribui a narrativa do vocalista Roger Rocha Moreira da banda Ultraje a Rigor, famosa nos anos de 1980, em entrevista a revista *Psique*⁴. Roger com um QI de 172, conta que na escola ganhou apelido de “nerd” (expressão pejorativa, de origem americana, usada para alunos que estudam ou tiram notas acima da média) e acabou resolvendo este problema deixando de tirar as melhores notas e ficando na média da turma, confessa o músico que é cantor e compositor. Esta narrativa mostra que o aluno com AH/SD entra mais na categoria “nerd ou Caxias”, do que popular, uma vez que também os alunos idolatram com maior facilidade o colega com tendências delinqüentes e engraçadas.

A escola, por sua vez, concordando com Pérez (2004) ainda não está preparada para atender o aluno com altas habilidades. Embora vários trabalhos e iniciativas venham sendo tomadas no sentido de uma melhor instrumentação das escolas e professores, como é o exemplo do “Programa de Capacitação de Recursos Humanos em Superdotação e Talento do Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação (Volume I e II 1999)” e “A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/

² Totem e Tabu e Outros trabalhos, Freud Obras completas, volume XIII (1913-1914).

³ O futuro de uma ilusão e o mal estar na civilização, Freud Obras completas, volume XXI (1927-1931)

⁴ Revista *Psique Ciência & Vida*- Ano III, número- 28.

Superdotação (Volume 1, 2 e 3 de 2007)”, mesmo assim há muito a se construir em termos de atendimento adequado ao aluno com AH/SD.

Salienta-se, a partir de Pérez (2004), a necessidade de mudanças de paradigma escolar, para que o processo de inclusão aconteça de forma democrática a todos os alunos, fazendo com que o aluno com AH/SD também seja incluído definitivamente nas escolas regulares.

Por isto, mostra-se importante, conforme Winner (1998), desmistificar as idéias e conceitos sobre os alunos com AH/SD, para que, sejam tratadas suas necessidades educacionais, sociais e culturais e consonância com o processo regular de ensino onde todos têm espaço para desenvolver suas potencialidades máximas. Provoca-se a situação em que se pensa em programas de enriquecimento do currículo, melhoria nas estruturas físicas, mas que ainda necessita-se o aumento no espaço para a descoberta do aluno como indivíduo e, citando Dor (1989) precisamos pensar o sujeito como “ser desejante.”

Busca-se assim fazer uma reflexão, a partir de um construto teórico acerca do atendimento escolar prestado ao aluno com AH/SD e a partir disto, repensar os possíveis papéis do psicólogo no atendimento destes alunos para além de suas capacidades cognitivas, salientando a escuta do psicólogo dentro de uma perspectiva psicanalítica. Desta forma, ressalta-se, nos capítulos a seguir, a melhor compreensão das características e dos aspectos sociais e escolares que são inerentes aos alunos com AH/SD e que são indispensáveis para a construção de novas formas de um atendimento mais qualificado e adequado a real necessidade destes alunos.

A IMPORTÂNCIA DA IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO COM AH/SD

Conforme Alencar & Fleith (2001), um superdotado é a pessoa que se destaca por elevado desempenho e/ou expressivas potencialidades relacionadas a aspectos como: capacidade intelectual, aptidão acadêmica específica, pensamento criador ou produtivo, capacidade de liderança, capacidade psicomotora.

A forma de identificação dos alunos com altas habilidades não é simples. A avaliação desses alunos deve ser feita por uma equipe multidisciplinar e interdisciplinar como professores, especialistas, supervisores, psicólogos. (BRASIL, 1995). A avaliação deve ser a mais ampla possível, como avaliação de

desempenho, testes de capacidade cognitiva, entrevista com a criança, testes motores.

Para tentar uniformizar estas avaliações o Ministério da Educação e a Secretaria da Educação Especial lançaram em 1995 os “Subsídios para Organização e Funcionamento de Serviços de Educação Especial - Áreas de Altas Habilidades. Sobre a percentagem de pessoas com altas habilidades na população a OMS diz que cerca de 3-5% da população apresenta altas habilidades. Num estudo de 2001, realizado em Porto Alegre pela Associação Gaúcha de Altas Habilidades/Superdotação (AGAAHSD), foi identificada uma média de 7,78 % da população do município. A diferença de percentagem dos estudos feitos baseados em instrumentos e autores como Renzulli (1986) e Gardner (1994) mostram valores maiores que os dados da OMS por que os estudos da OMS baseiam-se apenas em testes de QI que identificam apenas capacidades lógico matemática e deixam de fora as várias outras inteligências amplamente descritas por Gardner e outros autores.

A questão dos métodos de identificação está sendo ampliado por autores como Renzulli, que descreve a pessoa com AH/SD como sendo aquela com capacidade acima da média, apresenta criatividade destacada e um grande envolvimento com a tarefa, estes três fatores estão presentes no que o autor chama de teoria dos três anéis. Não existe ainda uma definição universal sobre o que seja inteligência, entretanto, as teorias de Gardner, Renzulli e Sternberg têm dado contribuições importantes para o entendimento da inteligência e principalmente, da pessoa inteligente. A clássica e restrita teoria da inteligência, baseada apenas nos testes de QI (quociente de inteligência) proposta por Binet (1904) e colaboradores no início do século passado, foi amplamente difundida, reeditada e praticada, mas começou a perder força na década de 70 nos EUA e no Brasil nos anos 90 (dados aproximados).

O problema é que as escolas brasileiras, ao longo da história, se valeram das teorias, principalmente da psicologia, para guiar sua prática pedagógica e em geral baseiam-se em teorias americanas, “então por longos e penosos anos os psicólogos foram solicitados para testar e diagnosticar os alunos como crianças que tem “inteligência normal” e principalmente, os que não têm inteligência normal, isto é, quem tem QI abaixo de 75 classificados pela sociedade de não inteligente, ganhando assim o rótulo de imbecil ou idiota”.

Se a criança apresentasse um teste de QI bem acima da média, em geral poderia acabar sofrendo com este diagnóstico, uma vez que mesmo o superdotado sendo “alguém diferente” na sala de aula e pode ser muito crítico e causar problemas durante as aulas.

Porém, não se pode negar a importante contribuição de autores como Alfred Binet, Theodosius Simon, Francis Galton, Willian Stern, David Weschsler (ampliou o teste de QI de Binet), Spearman (inteligência como resultado de desempenho geral, mas também, com resultado de desempenho específico).

Entretanto, os autores centrais neste trabalho serão Renzulli, Gardner e Sternberg. Estes três autores rompem com a definição clássica de inteligência e trazem instrumentos mais democráticos, humanos e amplos para se identificar a pessoa e sua inteligência. A partir destes autores, não falamos em inteligência, mas em pessoas inteligentes, não falamos em inteligência lógico - matemática, mas em inteligências múltiplas, Gardner (1994).

Gardner (1994) deu a possibilidade de se pensar inteligência em praticamente todas as atividades humanas que não apenas, a do raciocínio matemático lógico. São elas: a inteligência interpessoal, intrapessoal, corporal-sinestésica, espacial, lógico-matemático, musical, naturalista e lingüística. Ao todo, oito inteligências nas mais diversas áreas do conhecimento.

A partir de Gardner (1994), podemos pensar em Pelé como uma pessoa de destacada inteligência sinestésico-corporal. Cabe ressaltar que, não basta ter uma aptidão para determinada área para ser considerada uma pessoa talentosa, é preciso se destacar no que faz e trazer algo de diferente que ninguém ainda tenha feito. Inteligência superior não é a copia de alguma coisa e sim, a construção de algo novo.

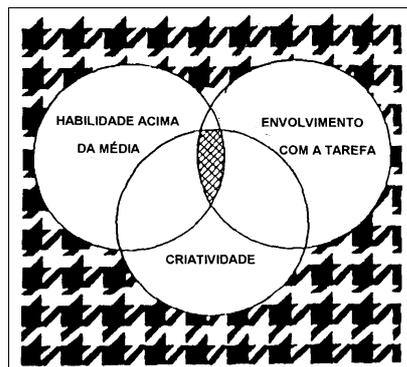
Sternberg (1991) por sua vez, identifica a inteligência através de sua “teoria triárquica da inteligência humana”. Segundo este autor, a inteligência compreende três aspectos que estão relacionados com: o mundo interno da pessoa, com a experiência e com o mundo externo. A inteligência compreende capacidade analítica, criativa e prática. Estes três aspectos da inteligência estão inter-relacionados. O pensamento analítico é o responsável por resolver os problemas, avaliando, comparando e julgando o problema; o pensamento criativo é necessário para buscar e formular novas idéias diante do problema e o pensamento prático é o

resultado da solução encontrada com a análise e a criação das novas alternativas de ação para serem executadas de maneira eficiente na vida cotidiana.

Algo fundamental em Sternberg (1991) é que ele salienta que é fundamental a contextualização da inteligência, isto é, “de que lugar está se falando”. Assim, ser inteligente pode ser dependendo da cultura, definido em termos de rapidez de resolução de problemas ou ao contrário, na cautela com que a pessoa avalia o problema para achar a melhor resposta.

Com relação às altas habilidades, o autor de maior relevância na atualidade é Joseph Renzulli (1986), principalmente, por trazer instrumentos importantes de identificação de pessoas com altas habilidades. A teoria de Renzulli fala sobre a inteligência e define o comportamento de superdotação na confluência de três fatores definidos por ele como Teoria dos Três Anéis, (Figura 1):

Figura 1: Representação gráfica do conceito de superdotação para Renzulli (1986, p. 8)



Renzulli apresenta uma conceituação de inteligência centrada mais na atuação, que na potencialidade, onde sustenta um modelo que não se atém no Quociente Intelectual, mas na confluência de três fatores: habilidade acima da média, compromisso com a tarefa (motivação) e criatividade elevada, como determinantes para se identificar uma pessoa como superdotada cognitivamente.

Segundo Renzulli, a habilidade acima da média permanece relativamente estável e não necessita ser excepcional; a criatividade se refere à flexibilidade e à originalidade do pensamento e o comprometimento com a tarefa refere-se à persistência, dedicação, esforço e autoconfiança. A partir de sua caracterização, Renzulli conclui que a superdotação é relativa ao tempo, às pessoas e às circunstâncias, isto é, os comportamentos superdotados têm lugar em determinadas

peças (não em todo o mundo), em determinados momentos e em determinadas circunstâncias (não em todo o tempo).

Entretanto Renzulli deixa claro que para se caracterizar uma pessoa como superdotada, não basta apenas apresentar habilidade acima da média, envolvimento com a tarefa e criatividade num dado momento, é preciso que estes traços apresentem certa frequência, intensidade e consistência ao longo do tempo.

Renzulli, a partir de observações e estudos com crianças superdotadas destaca várias características que podem estar presentes na pessoa com AH/SD, são inúmeras, por isto vou citar algumas:

- Vocabulário avançado para a idade, interesse por informações para além das esperadas para a sua idade, ótimo observador, motivação além do normal, interesse por problemas políticos e sociais, não se satisfaz com explicações simples, gosta de trabalhar sozinho, defende suas convicções, podendo ser teimoso, muito crítico, curioso, persistente, facilidade de elaborar novas idéias, a partir de idéias dadas.

Assim, verifica-se que, a partir de teóricos como Gardner e Renzulli que se pode identificar com maior qualidade a criança com AH/SD, sem usar unicamente os testes de QI; valorizando a pessoa superdotada em toda a sua extensão social e não apenas em seu potencial cognitivo. Os autores citados são americanos e falam de uma realidade americana. Desta maneira, precisamos destacar autores brasileiros que fazem a leitura das teorias citadas e que fazem uma adaptação com a realidade brasileira e que tem criado instrumentos de identificação de alunos com AH/SD.

Neste sentido, destaca-se o trabalho do Centro de Desenvolvimento, Estudos e Pesquisas nas Altas Habilidades/Superdotação (CEDEPAH) e Associação Gaúcha para Altas Habilidades e Superdotação (AGAAHSD). De acordo com a literatura estudada, os instrumentos de identificação mais utilizados nos programas de atendimento aos alunos com AH/SD tem sido os testes psicrométricos; escalas de características; questionários; observação de comportamento; entrevista com pais e professores.

Para Vieira (2005), os principais objetivos da identificação dos sujeitos com AH/SD devem ser o de fomentar a própria ação educativa, valorizar a singularidade da pessoa e principalmente, que a identificação estimule a investigação na área de forma que se possa ampliar e melhorar o atendimento das pessoas com AH/SD.

Considerando os pressupostos teóricos já descritos de Gardner e Renzulli, Vieira (2005) salienta que a identificação deve utilizar um conjunto de procedimentos que possibilitem uma visão integral do sujeito, no qual destaca a identificação pela provisão e os passos no processo de identificação. A identificação é descrita como um processo dinâmico que engloba a observação sistemática dos comportamentos e do desempenho do aluno em seu cotidiano. Vieira (2005) salienta ainda que o professor e a dinâmica da sala de aula constituem fontes importantes de informação para a identificação do aluno com AH/SD. Outros pontos relevantes no processo de identificação do aluno são descritos por Guenther (2000), destacando-se a ficha de observação do aluno, e Vieira (2005) onde descreve alguns procedimentos que podem ser seguidos para uma melhor qualidade da identificação do aluno, dentre eles cita-se:

- Propiciar a Interação do psicólogo com a criança ou adolescente.
- Conversa com os pais.
- Valorização do “olhar” da escola: busca de informações dos demais professores, busca em documentos (histórico escolar, desempenho acadêmico).
- Integração dos diferentes “olhares”: discussão e integração dos resultados com orientação em pontos onde pode o aluno ser mais bem estimulado, por exemplo.
- Entrevista de devolução dos resultados com os alunos e pais, salientando que o resultado não é definitivo, uma vez que, tais comportamentos devem ser observados em termos de frequência, consistência e intensidade, em que aparecem no aluno.

Os recursos utilizados no processo de identificação incluem: questionários com indicadores de comportamento (como os trabalhados em aula, em que eu faltei), dirigidos aos pais e professores; instrumentos para auto-indicação do aluno; entrevista semi - dirigida, com o aluno, familiar, colega ou professor; elaboração de um portfólio do aluno, que é uma forma de sistematização de informações relevantes do aluno e que pode nos dar mais pistas das áreas mais fortes de interesse e competência do aluno. Depois de identificado os alunos, é preciso trabalhar com a escola, professores e pais para criar estratégias de atendimento educacional e acompanhamento destes alunos. Neste contexto, destaca Guimarães e Ourofino (2007) ser imprescindível que se tenha uma política de educação continuada para os educadores, onde se tenha espaço para discussão das concepções teóricas e

práticas de forma a diminuir as assimetrias de procedimentos e que se tenha uma educação bem organizada e bem entendida pelos professores.

Desta forma, todos os agentes do processo educacional, alunos, professores e famílias podem contribuir para o processo educacional sabendo todos para onde estão caminhando.

ALUNOS COM AH/SD E O PROCESSO ESCOLAR, UMA RELAÇÃO HARMONIOSA OU CONFLITANTE?

Os alunos com altas habilidades exigem muito empenho por parte dos professores e escolas e antes de tudo, precisam ser detectados e identificados.

Para isto, é preciso avaliações, testes, que nem sempre estão disponíveis nas escolas públicas. Destaca-se também, a dificuldade em se oferecer serviços que fujam do modelo tradicional de educação, pois, concordando com Freitas (2006, p.111): “(...) a escola tem sido mais capaz de limitar do que de desenvolver as potencialidades de seus alunos e, conseqüentemente, de seus profissionais.” Freitas (2006) discute ainda que a ênfase nas escolas ainda seja dirigida à reprodução de conteúdos e memorização, o que leva a criação de modelos injustos de avaliação que ressaltam o erro, as limitações do aluno e suas incapacidades.

Baseado nestes problemas foi criado alguns programas pelo Ministério da Educação, a partir do ano de 1999, sendo que alguns deles já foram citados neste trabalho. Pensando em instrumentalizar os professores, nesta tarefa de acompanhamento dos alunos com altas habilidades, foi criado o “Manual de orientação para pais e professores” (2000, p.16), organizado pela Associação Brasileira para Superdotados - Seção Rio Grande do Sul (ABSD/RS).

Dentre os pontos do manual, destaca-se: Os alunos superdotados são mais rápidos e tem mais facilidade para aprender, tem facilidade para abstração, flexibilidade de pensamento, produção criativa, habilidade para resolver problemas. Em geral, os alunos talentosos apresentam perfil heterogêneo, mesmo entre eles mesmos. Neste sentido, destaca Guenther (2000) que embora os alunos superdotados não sejam iguais entre si, eles se igualam ao nível de serem diferentes dos outros.

Guenther (2000) salienta ainda, a importância de se valorizar os fatores de constituição de personalidade, ambiente sócio-cultural e o próprio desenvolvimento humano para que, estes sujeitos possam constituir-se como seres únicos.

Dentre as dificuldades apresentadas por alunos em função de suas altas habilidades destacam-se segundo Extremiana (2000) os seguintes fatores: são muito crédulos e confiantes, mostram resistência a instrução dos demais, o que pode levar a desobediência, apresentam dificuldade para aceitar o que não é lógico, exigem demais de si e dos demais, o que pode gerar constante insatisfação, resistem a ser interrompido quando algo é de seu interesse, por isto, pode ser vulnerável ao fracasso.

CARACTERÍSTICAS SÓCIO-AFETIVAS DOS ALUNOS COM AH/SD

Um dos mitos mais importantes, relacionado às AH/SD refere-se a suposta capacidade elevada de resolução dos conflitos e problemas emocionais que passam na vida. De forma oposta, muitas pessoas acreditam que a inteligência acima da média expõe mais facilmente a pessoa a doenças psicológicas e psiquiátricas.

Tais concepções mascaram uma dificuldade visível das pessoas de se relacionarem com a diferença, neste caso o superdotado. Em termos de desenvolvimento emocional, destaca Alencar e Fleith (2001) que a criança superdotada não se desenvolve mais rápido ou mais precocemente, apenas se desenvolve de forma um pouco diferenciada.

Alencar e Fleith (2001) destacam ainda que as crianças superdotadas apresentam características diferenciadas em termos de personalidade, estilo de aprendizagem, mas apresentam em geral algumas características sócio emocionais semelhantes, dentre elas: idealismo e senso de justiça, perfeccionismo, alto nível de energia investida numa tarefa de seu interesse, senso de humor elevado, paixão por aprender, perseverança, inconformismo, sensibilidade as expectativas dos outros, sensibilidade emocional, consciência de si mesmo aguçada.

Todas estas características tornam as crianças superdotadas mais vulneráveis às angústias e sofrimentos presentes no processo de educação e aprendizagem. Alencar e Fleith (2001) apontam para a importância de se efetivar um processo de inclusão do superdotado no contexto escolar, de forma a não causar sofrimentos desnecessários nestas crianças. Destacam que se faz importante uma constante presença do psicólogo, de forma a oferecer, a estes alunos, uma orientação e aconselhamento no sentido de prevenir problemas e condutas que possam gerar sofrimento para o aluno e antipatia por parte dos colegas e professores.

Desta forma, salienta Silverman (1993a) que um adequado ajustamento social e emocional depende em grande parte das condições do ambiente em que este aluno está inserido. Na ausência deste ambiente acolhedor e de suporte, seja na família ou na escola, usando um termo de Winnicott (1975) podem desenvolver conflitos e angústias nos alunos com AH/SD, que poderão desencadear um estresse tanto para o aluno, como para a escola. Pode-se, desta forma, encontrar na criança com AH/SD a concomitância de uma capacidade acima da média para a aprendizagem e a ocorrência de uma dificuldade de aprendizagem.

Assim, salienta-se a importância do professor conhecer as características dos alunos com AH/SD para trabalhar no sentido de diminuir as incongruências presentes no processo de ensino, que são motivos de grande frustração para estes alunos. O professor precisa saber que, com estes alunos, poderá encontrar características como perfeccionismo, autocrítica e crítica excessiva, hipersensibilidade, multipotencialidades, que se não trabalhadas de forma adequada podem inviabilizar sua aprendizagem e convívio social com os colegas e professores.

O professor, como alvo de processos identificatórios e projetivos, precisa suportar as investidas de um aluno mais crítico e competente na ação de provocar o professor e de “sobreviver” a esta cena, usando Winnicott (1975), pois desta relação inicial conflituosa pode surgir uma relação intensa e muito produtiva, mesmo o aluno testando o professor de todas as formas como um filho testa os pais no sentido de ver até onde pode confiar neles.

Desta forma, não há como imaginar apenas o professor dando conta de tantas demandas cognitivas e emocionais, com o risco do aluno ser mal orientado e com isso gerar mais problemas, ao invés de resolver. A escola, cada vez mais se mostra como um lugar de ação multiprofissional, onde o psicólogo deverá construir seu espaço de atuação. Salienta-se assim, a questão levantada neste trabalho que se refere à necessidade de melhoria no processo de escuta dentro das escolas para todos os alunos, mas especificamente, neste trabalho, destaca-se o espaço de escuta para o aluno com AH/SD.

A escuta deste aluno justifica inúmeros motivos, entre eles, as questões geradas pela própria característica de superdotado. Dentre estas características destacam-se conforme Alencar e Fleith (2001):

- O perfeccionismo que faz com que o indivíduo crie padrões de desempenho altos e rígidos, o que pode levá-lo a ficar sempre insatisfeito e frustrado.

- A supersensibilidade, aliada ao senso de justiça pode gerar frustrações na medida em que o aluno consegue vislumbrar os problemas sociais, por exemplo, e não consegue solucioná-los. Esta característica é muito destacada no indivíduo com AH/SD, que consegue perceber as injustiças e misérias e demais problemas da sociedade e não entende o porquê das pessoas que tem o poder para resolver não o fazerem. Esta situação pode, inclusive, acontecer na sala de aula com relação a atitudes autoritárias e injustas por parte de professores e colegas, o que mais uma vez pode lhe expor e gerar represálias contra ele.

- Outro traço que merece destaque é o pensamento divergente, que associado a multipotencialidades de interesse, pode gerar um sentimento de deslocamento, auto-conceito negativo que pode levá-lo a se sentir anormal ou diferente, podendo gerar atitudes de isolamento social e problemas de identidade.

Diante de múltiplas opções de carreira, Shute (1999) coloca que, o aluno com AH/SD pode experimentar frustração e alto grau de ansiedade, devido ao medo que ele tem de fazer a escolha errada, além do fato de que investir em várias áreas demanda grande investimento de tempo e envolvimento com a tarefa, o que pode propiciar uma vivência de um alto grau de estresse.

Entretanto, percebe-se que o aluno com AH/SD não apresenta propensão à neurose maior que os demais alunos, ele apresenta problemas relacionados ao seu modo de ver e relacionar-se com o mundo. No caso do aluno com AH/SD, o que deveria ser uma vantagem, acaba, muitas vezes se tornando um fardo pesado.

Este trabalho traz para discussão que as características comuns nas crianças superdotadas são diferentes das características das demais crianças de sua turma, lembre-se que a média de crianças superdotadas é de 3 a 5% (OMS) e 7,78% conforme AGAAHSD (2001). Podemos inferir com isso que numa turma de 30 alunos em média haverão de 2 a 3 alunos superdotados (usando 7,78% como parâmetro), o que os torna uma minoria e as minorias, na sociedade são em geral excluídas.

A provocação é de que os alunos superdotados acabam ficando sem parceiros para seu desenvolvimento social e afetivo. Não é por menos que muitos alunos com AH/SD acabam escondendo seu potencial e tirando notas menores por

opção. Ser superdotado pode ser um fardo muito grande para a criança e cabe a escola e seus agentes criarem estratégias de enfrentamento destas questões.

POLÍTICA EDUCACIONAL PARA ALUNOS COM AH/SD NO RIO GRANDE DO SUL

A política pública, direcionada para as altas habilidades no Rio Grande do Sul é bastante recente, embora tenha sido pioneira em garantir e deixar determinado a implantação e implementação do atendimento educacional para estes alunos na Constituição Estadual, (RIO GRANDE DO SUL, 1989) e veio junto ao processo de discussão das questões sobre inclusão de alunos com necessidades especiais em classes regulares.

Outro marco importante na garantia de atendimento aos alunos com AH/SD foi o Decreto nº. 39.678 (RIO GRANDE DO SUL, 1999), no qual é instituída a Política Estadual de Atendimento à Pessoa Portadora de Deficiência e à Pessoa Portadora de Altas Habilidades/ Superdotação, cabendo à Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas Portadoras de Deficiência e de Altas Habilidades/Superdotação no Rio Grande do Sul (FADERS), pela Lei nº. 11.666, a coordenação e a articulação dessa política, no Estado (RIO GRANDE DO SUL, 2001).

Neste sentido, destaca Germani, Costa e Vieira (2006, p.05) que “sabe-se, no entanto, que uma política se efetiva por ações concretas que visem oportunizar a implantação de projetos”. A partir destas concepções e levando em conta que é nas escolas onde se encontram a grande demanda destes alunos, a FADERS através do Centro de Desenvolvimento, Estudo e Pesquisas nas Altas Habilidades propõe uma política educacional específica para os alunos com AH/SD

A partir da FADERS E CEDEPAH, vários projetos e ações estão sendo criados, entre eles destaca-se a criação, em 2006, da Cartilha Política CEDEPAH para AH/SD criada por Larice Bonato Germani, Mara Regina Nieckel da Costa, Nara Joyce Wellausen Vieira, profissionais destacados no estudo das AH/SD. Esta cartilha é um documento importante para os profissionais em educação que pretendem colocar em prática ações de atendimento aos alunos com AH/SD.

A RELEVÂNCIA DO CEDEPAH NA ESTRUTURAÇÃO DE AÇÕES EFETIVAS NO ATENDIMENTO DE ALUNOS COM AH/SD NO RIO GRANDE DO SUL

O Centro de Desenvolvimento de Estudos e Pesquisas nas Altas Habilidades (CEDEPAH) está vinculado a FADERS e tem a missão de coordenar os programas de implantação e implementação dos serviços para as AH/SD. Conforme o CEDEPAH (2006), o atendimento aos alunos com AH/SD deve seguir os seguintes princípios:

- O aluno portador de altas habilidades deve freqüentar uma escola com proposta inclusiva;
- O atendimento deve integrar o aluno, a família e a escola;
- As Altas Habilidades precisam estar constantemente nas pautas de discussão de todas as instâncias da escola;
- A aceleração somente é recomendada em casos muito especiais;
- O que é "bom" para o aluno com altas habilidades/superdotados é "bom" para todos os demais;
- As indicações dos alunos com altas habilidades/superdotados, nas escolas, devem ser feitas pelos professores;
- A educação deve desenvolver ações continuadas e sistemáticas com outras áreas.

Propostas do CEDEPAH (2006):

- Identificação e acompanhamento da pessoa com altas habilidades/superdotação;
- Compreensão da subjetividade singular desses sujeitos para seu autoconhecimento e uma melhor relação com o meio;
- Formação de grupos de crianças, adolescentes e adultos com objetivo de trocas vivenciais, expressões do pensamento e experiências criativas;
- Atendimento às famílias e às escolas, potencializando-as no reconhecimento e uso de seus recursos no processo de educar seus filhos/alunos;
- Ações que viabilizem sensibilizar a comunidade, despertando-a para um processo reflexivo e esclarecedor nas questões pertinentes à pessoa com altas habilidades/superdotação e sua integração educacional e social;
- Capacitação de profissionais nas altas habilidades/superdotação, instrumentalizando-os para atendimento educacional, aprofundamento e/ou enriquecimento curricular, flexibilização de currículos, adaptação de metodologias e avaliação, numa proposta inclusiva;

- Pesquisa nas altas habilidades/superdotação, com objetivo de ampliação do conhecimento na área, possibilitando uma constante interface entre a teoria e a prática.

A CARTILHA POLITICA CEDEPAH PARA AH/SD (2006)

Esta cartilha conforme suas autoras Germani, Costa e Vieira (2006), têm como objetivo apresentar e divulgar a política de atendimento educacional às Altas Habilidades/Superdotação no estado do Rio Grande do Sul. Nela, faz-se um resgate histórico sobre as AH/SD e sobre o processo inclusivo, objetivo maior das políticas de educação da FADERS E CEDEPAH. Dentre os vários conceitos e questões práticas discutidas nesta Cartilha, destaca-se importante papel desempenhado pela família, visto que, conforme o CEDEPAH, geralmente os pais são os primeiros a identificarem as características de AH/SD e terem papel destacado no suporte afetivo dos seus filhos.

Neste sentido, justificam-se as reflexões feitas no decorrer deste trabalho, a partir de Freud (1980), a respeito da importância da relação familiar para o pleno desenvolvimento cognitivo e afetivo do indivíduo. Com o apoio dos pais, a criança vai se permitindo experimentar e assim, construir sua autonomia que é essencial para a exploração e experimentação do mundo externo.

Inferiu-se, também, que os professores acabam sendo alvos de processos identificatórios e projetivos dos alunos e vice-versa, sem muitas vezes darem conta disso. Desta forma, destaca-se a necessidade de discussão com os professores dos processos psicológicos envolvidos na relação professor-aluno-família o que justifica a presença de profissionais da psicologia no ambiente escolar.

Com relação aos alunos com AH/SD, a aproximação com o professor pode ocorrer de forma dolorosa para ambos, uma vez que, as características próprias destes alunos, como o questionamento, perfeccionismo e a preocupação com questões mais profundas, acabam mexendo com a onipotência do professor que tradicionalmente exerce a posição de quem é detentor do saber. Supõe-se a partir desta questão de poder do professor que, as novas políticas para a educação e principalmente, para os alunos com AH/SD possam ter êxito muitos conceitos antigos terão que ser desconstruídos. Neste sentido, destaca-se Germani, Costa e Vieira (2006, p.04) que, “nesta perspectiva, as questões teóricas relativas à

Educação devem ser pensadas como produções sócio-históricas e culturais, assim como, devem considerar a diversidade humana”.

Desta maneira, completa Germani, Costa e Vieira (2006, p.04), “ressalta-se a importância de encarar a educação como um processo de vir a ser, onde nunca podemos saber as reações de nossos alunos por que, segundo Meirieu (2002, p. 267), a “(...) aventura que vivemos com eles nunca foi vivida por ninguém antes de nós”. Outro ponto a se destacar na cartilha do CEDEPAH refere-se à preocupação com a formação de recursos humanos, no sentido de habilitar professores e profissionais que atuam na área da educação, para compreender os processos de aprendizagem e os comportamentos característicos dos alunos com altas habilidades/superdotação. A proposta tem como base uma concepção de escola reflexiva e crítica voltada para o desenvolvimento dos potenciais de talento destes alunos, visando o pleno exercício da cidadania. Para isto, destaca que, a formação profissional deve primar pelas seguintes características:

- Possibilitar uma análise crítica de paradigmas teórico-metodológicos na construção do conhecimento, numa perspectiva de aplicação no atendimento aos alunos com altas habilidades/superdotação.
- Oportunizar o conhecimento dos aspectos cognitivos, psicológicos e sociais do ser humano e de sua repercussão no seu desenvolvimento.
- Apresentar, discutir e analisar as propostas de Educação Inclusiva já implantada e propor sua efetivação na totalidade do Sistema de Ensino.
- Oportunizar espaço para a construção de propostas pedagógicas para os alunos com altas habilidades/ superdotação, tendo em vista, a realidade educacional de cada região.

A ESCUTA COMO INSTRUMENTO DE TRABALHO DO PSICOLOGO NO ATENDIMENTO DE ALUNOS COMO AH/SD

Pode-se dizer que, o dialogo entre professores e alunos seja muito importante para o melhor relacionamento de ambos. Entretanto, destaca Freire (1970) que a forma de relação entre professores e alunos tem se dado ao longo do tempo de forma verticalizada e mais em termos de monologo, por parte do professor. O aluno tem pouco ou nenhum espaço para expressar o que pensa e o que sente. Destaca-se assim, a necessidade de criação de espaços de escuta e de diálogo, tanto com

professores e alunos, visto que a falta de diálogo mostra-se como a grande deficiência das escolas atualmente.

Neste sentido o profissional psicólogo pode auxiliar a escola neste processo de melhoria da escuta do aluno com AH/SD visto que, conforme Zimmerman (1999), a escuta tornou-se, em psicologia, um instrumento de trabalho. Entretanto, escutar tornou-se tão específico do psicólogo que os demais profissionais acabaram esquecendo que também podem escutar. Este artigo quer mostrar que as atribuições da psicologia no que se refere a altas habilidades, devam ser ampliadas.

Em termos de escuta e trabalho grupal, Zimmerman (1999) engloba as diversas faces dessas questões, fazendo um apanhado de autores como Melanie Klein, Winnicott, Freud e Lacan e Bion. Em todos estes autores e teorias da psicologia, a escuta funciona como ponto central para o conhecimento e resolução de problemas de toda a ordem.

Este trabalho sugere a criação de espaços de escuta nas escolas para os professores e alunos com altas habilidades no sentido de criar, usando um termo de Winnicott (1975), um espaço de *holding*, isto é, de proteção, acompanhamento, apoio, que evidencie e mantenha um clima favorável de troca entre professores e alunos. Muito se fala no que deve ser ensinado, como deve ser ensinado e quando; fala-se em enriquecimento, aceleração, entretanto, se fala do sujeito aluno sem ouvi-lo e saber dele o que ele quer aprender e de que forma quer que isto aconteça.

Nesta escola tradicional, o aluno ainda não é sujeito do aprendizado e sim, objeto, estando de acordo com o que afirma Freire (1970) que destaca que nas escolas os alunos são passivos e funcionam como “recipientes” que devem ser cheios com informações ofertadas pelo professor de forma vertical e não dialógica.

Este trabalho faz uma reflexão, a partir da psicanálise, e destaca sobre a ausência de alguém que escute o aluno sobre suas angústias e ansiedades, sobre seus sonhos e dificuldades. Trazendo preocupações sobre questões emocionais dos alunos, destaca-se que, importa saber do aluno com AH/SD como foi seu fim de semana, o que quer ser no futuro, o que mais assusta, o que lhe diverte, do que sente medo.

Convida-se a todos, a pensar uma escola em que o aluno tenha espaço como sujeito e que nesta escola, se propicie o desenvolvimento de pessoas mais críticas de seu tempo e atuantes na sociedade e que sua formação contamine as demais

peessoas a buscarem as respostas para as suas perguntas e fazerem as coisas tal como sempre sonharam em fazer.

Destaca-se assim, uma escuta do aluno para além de suas AH/SD, num trabalho conjunto com as oficinas de enriquecimento, tal como proposto por Renzulli (1978) e fazendo um trabalho de mudança de paradigma escolar, tal como preconizado por Paulo Freire (1986) com o psicólogo, trabalhando em conjunto com os professores tanto nas questões institucionais da escola, mas principalmente abordando os fatores relacionais dos alunos em temas de afeto.

SUGESTÃO DE ATENDIMENTO DO PSICOLOGO CENTRADO NAS DEMANDAS AFETIVAS E SOCIAIS DOS ALUNOS COM AH/SD

Ao longo do desenvolvimento da psicologia, vários autores, dos quais cito Freud, Piaget, Vigotsky, Wallon, Winnicott, Klein, destacam a importância da interação humana para o desenvolvimento cognitivo, motor e emocional saudável. A pessoa que apresenta AH/SD foi, ao longo do tempo, discriminada por apresentar algo que lhe distanciava da média das demais pessoas e assim, foi excluída e alvo de projeção de muitos mitos, Winner (1998).

Muitos trabalhos e políticas públicas no Brasil buscam um resgate dos alunos que por suas características, aparecem como “diferentes”. Busca-se então, colocar em prática o processo de inclusão de todos os alunos nas classes regulares.

Este tem sido um dos grandes desafios da escola nos últimos anos. Os alunos com AH/SD também precisam ser incluídos e por esse motivo muitos estudos e programas de educação tem se dedicado a criação de estratégias de atendimento destes alunos, afinal não adianta incluir sem um método adequado de trabalho e o envolvimento de todos os agentes da educação.

Este trabalho sugere que, as aulas regulares não dão conta da demanda de necessidades dos alunos com AH/SD e que por isto, precisam ser atendidos por outros profissionais entre eles o psicólogo, educador especial, psicopedagogo, em turnos inversos através de oficinas de interesse de cada aluno, baseando-se na teoria de Renzulli e Reis (1986).

Ampliando esta demanda de necessidades, acrescenta-se a necessidade de atendimento psicológico individual ou de grupo. Justifica-se este atendimento, visto que todo o investimento na pessoa humana deve focar-se em seu desenvolvimento cognitivo e “emocional”. Desta maneira, destaca-se a necessidade de ampliar o

atendimento da pessoa com AH/SD, criando meios de interação e troca de experiências entre profissionais e alunos num processo dialético e democrático de aprendizado, criando algo novo, mas que já havia sendo mostrado por autores como Paulo Freire (1980) que deu caminhos tão importantes para a resolução de problemas da educação no Brasil.

A partir deste trabalho, busca-se demonstrar a importância de mudanças de atitudes dos profissionais que atuam nas escolas, em termos de busca de “flexibilidade”. A educação tomou um caminho maravilhoso, mas que exige mudanças de estrutura e de posturas. Não há mais espaços para pessimismo e acomodação, os agentes de educação e no qual, se inclui o psicólogo, precisaram de trabalho em conjunto e muita flexibilidade para aceitar seus próprios erros e construir algo novo e diferente de tudo que já se praticou na escola, num espaço onde todos aprendem e todos ensinam.

Baseando-se no fato de que os alunos com AH/SD apresentam características individuais e grupais que os destaca dos demais alunos, justifica-se assim, a necessidade de um olhar diferenciado sobre as questões emocionais das pessoas com AH/SD. A partir disso, sugere-se um atendimento de alunos identificados com AH/SD pelo psicólogo, em consonância, aos programas de enriquecimento sugeridos por instituições como MEC, FADERS. Este capítulo traz algumas idéias de atendimento do psicólogo nos programas de atendimento, identificação e de enriquecimento curricular dos alunos com AH/SD e são as seguintes:

- Implantação de “espaços de escuta de alunos com AH/SD” em forma de grupos que poderiam ser chamados de “oficinas de sentimento”, para trabalhar com as questões emocionais destas pessoas.

- Através destes espaços de escuta do aluno com AH/SD, fomentar a integração dos alunos, familiares e professores por meio de divulgação dos trabalhos e atividades desenvolvidas nas oficinas.

- Ajudar na definição de área de interesse e acompanhá-los neste processo de crescimento pessoal e grupal

- Criar instrumentos de orientações aos professores de forma a melhorar a interação destes alunos com AH/SD com os demais alunos e professores, baseando-se na demanda de questões emocionais e relacionais trazidas pelos alunos atendidos no programa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pessoa que apresenta com AH/SD foi ao longo do tempo discriminada por apresentar algo que lhe distanciava da média das demais pessoas e assim, foi excluída. Muitos trabalhos e políticas públicas no Brasil buscam um resgate dos alunos que por sua característica se aparece como “diferentes”. Busca-se então colocar em prática o processo de inclusão de todos os alunos nas classes regulares.

Este tem sido um dos grandes desafios da escola nos últimos anos. Os alunos com AH/SD também precisam ser incluídos e por este motivo, muitos estudos e programas de educação tem se dedicado a criação de estratégias de atendimento destes alunos, afinal, conforme defende Pérez (2004), não adianta incluir, sem um método adequado de trabalho e o envolvimento de todos os agentes da educação.

Este trabalho sugere que as aulas regulares não dão conta da demanda de necessidades dos alunos com AH/SD e que por isso precisam ser atendidos por outros profissionais, entre eles, o psicólogo, educador especial, psicopedagogo, em turnos inversos através de oficinas de interesse de cada aluno, baseando-se na teoria de Renzulli e Reis (1986). Ampliando esta demanda de necessidades acrescento a necessidade de atendimento psicológico para além da identificação das AH/SD. Justifica-se o trabalho específico do psicólogo, na medida em que todo o investimento na pessoa humana deve, a partir dos textos pesquisados, focarem-se em seu desenvolvimento cognitivo, social e “emocional”.

Desta forma sugere-se ampliar o atendimento da pessoa com AH/SD, criando meios de interação e troca de experiências entre profissionais e alunos num processo dialético e democrático de aprendizado. A partir deste trabalho, fica evidente a necessidade de mudança de atitude em termos, principalmente, em termos de “flexibilidade”. A educação tomou um caminho mais democrático, mas que exige mudanças de estrutura e de posturas.

Não há mais espaços para pessimismo e acomodação, os agentes de educação e no qual se inclui o psicólogo, precisaram de trabalho em conjunto e muita flexibilidade para aceitar seus próprios erros e construir algo novo e diferente de tudo que já se praticou na escola, num espaço onde todos aprendem e todos ensinam.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

DOR, J. **Introdução à Leitura de Lacan, O Inconsciente Estruturado como Linguagem**, Editora: Artmed, Porto Alegre, 1989.

_____. **Introdução à Leitura de Lacan, Estrutura do Sujeito**. Editora: Artes Médicas, Porto Alegre, 1995.

_____. **O Pai e Sua Função em Psicanálise**. Editora: Jorge Zahar Editor, Porto Alegre, 1997.

EXTREMIANA, A.A. **Niños superdotados**. Madrid: Pirâmide, 2000.

FREITAS, S. N. **Educação e altas habilidades/superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas**. Editora da UFSM. Santa Maria, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Editora: Paz e terra. Rio de Janeiro, 1970.

FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

FLEITH, Denise de Souza (org). **A Construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 1: orientação a professores**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

_____. **Atividades de estimulação de alunos**. Volume 2. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

_____. **O aluno e a família**. Volume 3. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

PÉREZ, S.G.P.B. Da Transparência à Consciência: Uma Evolução Necessária para a Inclusão do Aluno com Altas Habilidades. In: **Seminário Estadual de Inclusão das Pessoas com Altas Habilidades/Superdotados**. 1; Seminário de Inclusão da Pessoa com Necessidades Especiais no mercado de trabalho, 2; Seminário Capixaba de Educação Inclusiva, 6, 2002, Vitória. *Anais...* Vitória: UFES, 2002.

_____. **Gasparzinho vai à escola: um estudo sobre as características dos alunos com altas habilidades/superdotação produtivo-criativos**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação - Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2004.

_____. **Mitos e Crenças sobre as Pessoas com Altas Habilidades: alguns aspectos que dificultam o seu atendimento**. UFSM: Revista do Centro de Educação: Cadernos de Educação Especial. Edição: 2003- Número:22. Endereço eletrônico: <http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2003/02/a4.htm>

GARDNER, H. **Estruturas da mente: a teoria das Inteligências Múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GERMANI, L B; COSTA, M R N da; VIEIRA, N J W. **Cartilha Política CEDEPAH para AH/SD**. Estado do Rio Grande do Sul - Secretaria da Educação Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas Portadoras de Deficiência e de Altas Habilidades/Superdotação no Rio Grande do Sul – FADERS e Centro de Desenvolvimento, Estudos e Pesquisas nas Altas Habilidades/Superdotação – CEDEPAH. Porto Alegre, 2006.

GÜENTHER, Z. **Desenvolver Capacidades e Talentos: um conceito de inclusão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-44.

KAPLAN, H.I. **Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica**. 7ªed. Editora: Artes Médicas. Porto Alegre, 1997.

LACAN, J. **O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica**. In: Escritos. Editora Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1998.

_____. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Editora Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1999.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo- Rio de Janeiro: Hucitec- Abrasco, 1998.

RIO GRANDE DO SUL. **Constituição do Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CORAG, 1989.

_____. **Decreto nº. 39.678, de 23 de agosto de 1999**. Institui a Política Pública Estadual para as Pessoas Portadoras de Deficiência e Pessoas Portadoras de Altas Habilidades e dá outras providências. Porto Alegre, RS, 1999. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/>

_____. **Subsídios para Organização e Funcionamento de Serviços de Educação Especial-Área de Altas Habilidades**. Brasília: MEC/SEESP, 1995.

_____. **Programa de Capacitação de Recursos Humanos dos Ensino Fundamental: Superdotação e Talento vol.1**. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 1999.

_____. **Programa de Capacitação de Recursos Humanos dos Ensino Fundamental: Superdotação e Talento vol.2**. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 1999.

RENZULLI, J.; REIS, S. **The schoolwide enrichment model: a how-to guide for educational excellence**. Mansfield Centre, CT: Creative Learning, 1997.

_____. **The three-ring conception of giftedness: a developmental model for creative productivity**. In: RENZULLI, J.S.; REIS S. *The triad reader*. Mansfield Center (CT): Creative Learning Press, 1986.

RECH, Andréia J.D. **Uma análise dos mitos que envolvem os alunos com altas habilidades: a realidade de uma escola de Santa Maria**. Monografia (especialização)- Universidade Federal de Santa Maria. Orientadora: Professora Soraia Napoleão Freitas. Santa Maria, 2004.

STERNBERG, R. J. **Giftedness according to the triarchic theory of human intelligence**. In: COLANGELO, N.; DAVIS, G. A. (Orgs.), *Handbook of gifted education*. Boston: Allyn and Bacon, 1991.

STERNBERG, R. J. **A triarchic view of giftedness: theory and practice**. In: COLANGELO, N.; DAVIS, G. A. (Orgs.), *Handbook of gifted education*. Boston: Allyn and Bacon, 1997.

SHUTE, L.D. **An investigation of multipotentiality among university honors students**. Tese de doutorado, The University of Connecticut, Storrs, 1999.

WINNER, E. **Crianças superdotadas: mitos e realidades**. Editora: Artes Médicas. Porto Alegre, 1998.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. 2ª edição. Editora: Zahar. Rio de Janeiro, 1971.

WINNICOTT, D.W. **O Brincar e a realidade**. Editora Imago, Rio de Janeiro, 1975.

_____ et al. **Explorações psicanalíticas**. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu. Editora: Artes Médicas Sul. Porto Alegre, 1994.

_____. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas por D.W. Winnicott**. Editora: Imago. Rio de Janeiro, 2000.

de Janeiro, 1995.

VIEIRA, N. J. W. **“Viagem a Mojáve-Óki”!** Uma trajetória na Identificação das altas habilidades/superdotação em crianças de quatro a seis anos. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

ZIMERMAN, David. E. **Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica-uma abordagem didática**. Editora: Artimed, 1999.